

Desde logo um aspeto que é genérico aos estudos das migrações consiste na inserção dos imigrantes irregulares nas amostras, facto que pode colocar em causa a representatividade das mesmas, para mais quando se pretende fazer um diagnóstico da população imigrante, independentemente do seu estatuto. Os autores identificam este problema e ultrapassam-no através do método de amostragem multietápico e do recurso a informação dos Censos de 2001 sobre a distribuição regional dos imigrantes. No entanto, a representatividade desta estratégia pode ser questionada tendo em conta a mobilidade geográfica desta população e o facto de a amostra ser baseada na área de residência. Contudo, considera-se que o nível de confiança da amostra permite um retrato bastante nítido do fenómeno em causa. Um outro aspeto metodológico relevante prende-se com o facto de a população migrante originária dos países comunitários não ter sido contemplada no estudo. Se por um lado esta opção se aceita tendo em consideração o estatuto jurídico e social destes imigrantes, por outro lado excluem-se imigrantes originários de países como a Roménia, cuja expressão quantitativa e social no contexto da população imigrante em Portugal não podem ser menosprezados.

O Diagnóstico da população imigrante em Portugal constitui um estudo relevante

pela amplitude temática que aborda, pelas múltiplas variáveis sociodemográficas que cruza, pelas diversas dimensões do quotidiano da população imigrante que observa e, consequentemente, pelas informações que proporciona. Num contexto de recrudescimento dos fluxos emigratórios, este trabalho revela que, apesar da tendência de decréscimo, a população estrangeira tem uma representatividade de 5,7% entre os residentes do país, e uma expressão relevante em determinados domínios da sociedade portuguesa. Assim, apesar da crise, este é um tema social que não se diluiu, antes pelo contrário, com o exacerbar da mesma tornou necessário um olhar mais exigente por parte das instituições públicas. Esta é uma realidade que se revela heterogénea e complexa, apresentando desafios ao nível da integração e inserção social, mas que revela simultaneamente potencialidades para a sociedade portuguesa ao nível demográfico, económico e cultural.

Tendo este estudo sido realizado num período em que a crise económica e social ainda não se fazia sentir com a intensidade com que veio a ocorrer, e considerando a fluidez das migrações e a sua rápida mutação em resultado de alterações sociais, os desenvolvimentos dos últimos anos exigem a continuação deste diagnóstico.

Carlos Nolasco

Fonseca, Maria Lucinda; Góis, Pedro; Marques, José Carlos; Peixoto, João (orgs.) (2013), *Migrações na Europa e em Portugal. Ensaios de homenagem a Maria Ioannis Baganha*. Coimbra: CES/Almedina, 255 pp.

Um livro de ensaios de homenagem é muito mais do que o conjunto das partes que o estruturam. Materializa o que se poderá designar como uma ‘memória de afetos’. A obra *Migrações na Europa e em Portugal – Ensaios de homenagem*

a Maria Ioannis Baganha não é exceção. Organizada por quatro autores, pertencentes a instituições académicas distintas, este livro consubstancia-se num sentimento comum – o reconhecimento do papel fulcral de Maria Ioannis Baganha na criação

e dinamização dos estudos migratórios em Portugal, em franco debate com uma perspetiva internacional.

Pressupondo que “[...] fazer ciência é também saber posicionar-se em relação ao adquirido, ao que as gerações que nos precederam e aquela a que pertencemos fizeram, e contribuir para a construção de uma ciência cumulativa” (p. 28), este livro faz jus ao legado da homenageada, um legado académico mas também de colaboração interinstitucional e interdisciplinar. Daí a pertinência na escolha dos autores, que direta ou indiretamente colaboraram com a homenageada em projetos de investigação, nacionais e internacionais, e/ou que com ela dialogaram – melhor dizendo – dirimiram argumentos.

Quem, porventura, contacta pela primeira vez com esta área de pesquisa, pode, na “Nota Introdutória”, conhecer, mais aprofundadamente, o processo de construção do percurso académico de Maria Ioannis Baganha, com reflexos não só ao nível da produção de bibliografia de referência, mas também com repercussões na delimitação das políticas migratórias em Portugal.

Tendo como fio condutor o tributo a Maria Ioannis Baganha, *Migrações na Europa e em Portugal – Ensaio de homenagem a Maria Ioannis Baganha* divide-se em duas partes: “Migrações na Europa” e “Migrações em Portugal”.

A primeira parte, composta por três capítulos, começa com uma revisitação de um dos projetos europeus em que a investigadora participou, neste caso como coordenadora responsável – o projeto europeu PEMINT (“The Political Economy in an Integrated Europe”). Nesse capítulo, precisamente intitulado “The Political Economy of Migrants in an Integrated Europe – A Project revisited ten years after”, Hans Entzinger não só delimita os objetivos, o modelo

de pesquisa, as propostas teóricas e os principais resultados do projeto PEMINT, como também faz uma pequena incursão ao que poderia ser a replicação desse projeto, agora que passaram dez anos da sua pesquisa empírica. Dentro desse âmbito, são considerados os impactos de algumas transformações sociopolíticas (como o alargamento a Leste, o declínio demográfico, a sedimentação de movimentos populares anti-imigração e a emergência de novos países no cenário económico mundial) na opção pelo recrutamento no mercado de trabalho internacional, comunitário e/ou extracomunitário.

Num segundo capítulo, Joaquín Arango, defensor de um modelo sul-europeu da imigração, analisa o que denomina como sendo “a singularidade da experiência imigratória espanhola”, plasmada no facto de, num curto espaço de tempo, se ter verificado um rápido e sustentado crescimento da população imigrante; e de a crise económico-financeira não ter produzido uma mudança significativa nas atitudes sociais relativamente à imigração e na gestão pública das políticas migratórias. Em “The Comparative Study of Integration Policies of European Cities”, Rinus Pennix apresenta-nos o que tem sido o seu contributo para os estudos migratórios, uma análise comparativa e crítica das políticas de integração à escala local. Ressalta deste texto a operacionalização do conceito de “integração”, o papel das cidades e municípios europeus como entidades governativas na gestão das práticas e políticas de integração e, por essa via, a necessidade de uma análise das diferentes escalas de governação das políticas de integração – escalas supranacional, nacional e local. O contexto nacional enquanto dimensão analítica perde, assim, o seu relevo explicativo, e o eixo local assume um poder heurístico, visível nas potencialidades de uma convergência inter-regional.

Na segunda parte, intitulada “Migrações em Portugal”, e ao longo de seis capítulos, abordam-se várias linhas temáticas, objeto de análise nos estudos migratórios portugueses no decurso dos últimos anos: associações de origem imigrante, habitação e processos de integração, imigração e inserção laboral, dinâmicas dos fluxos, impactos demográficos e migrações insulares, políticas e práticas de integração. Sugere-se uma leitura atenta para quem se queira inteirar sobre o que se tem produzido a nível nacional, na maioria dos centros de investigação com tradição nesta matéria.

Dentro deste âmbito, e na esteira de projetos de investigação nacionais conduzidos pela autora, Margarida Marques apresenta as associações de origem migrante enquanto instituições sociais, uma vez que funcionam como elementos estruturantes na formação das comunidades migrantes, mas também desempenham um papel estruturador na transformação da sociedade portuguesa, produzindo o que a autora ilustrativamente designa como “o efeito performativo sobre as estruturas sociais”.

A equipa do Núcleo MIGRARE (Migrações, Espaços e Sociedades), liderada por Maria Lucinda Fonseca e composta por Alina Esteves, Jorge Malheiros e Jennifer McGarrigle, concentra-se na integração socioterritorial e no acesso ao mercado habitacional, tendo como referência a região do Algarve. Este capítulo aborda uma dimensão pouco explorada nos estudos sobre processos de integração de imigrantes – o acesso à habitação, a qualidade dos alojamentos e a distribuição residencial. A fragmentação social do espaço urbano e os processos de segregação residencial revelam-se, assim, eixos fundamentais nos debates sobre a inclusão das comunidades imigradas.

Por sua vez, João Peixoto, ao abordar uma temática frequentemente retratada nos

estudos das migrações – imigração, emprego e mercados de trabalho –, fá-lo a partir de uma perspetiva inovadora, ao correlacionar o modelo de inserção dos migrantes no mercado de trabalho português com uma análise diacrónica da situação económica portuguesa.

Dois investigadores que trabalharam em estreita colaboração com a home-nageada – José Carlos Marques e Pedro Góis – reanalisam o conceito de “sistema migratório lusófono”, atendendo às novas dinâmicas migratórias para três países que foram colonizados por Portugal – Brasil, Moçambique e Angola. Ao apresentarem uma ligação estrutural deste sistema migratório lusófono com outros sistemas migratórios regionais, os autores defendem uma leitura integrada das configurações migratórias, considerando, nomeadamente, momentos de retração e de expansão e a participação, simultânea, em diferentes sistemas migratórios.

Gilberta Pavão Nunes Rocha analisa os impactos demográficos das migrações internacionais numa região, como os Açores, que já tinha sido objeto de cuidado estudo por parte de Maria Ioannis Baganha, quando desenvolveu a sua tese de doutoramento. Neste capítulo, confirma-se o impacto dos contextos internacionais nas dinâmicas migratórias de um espaço insular, como os Açores. Este texto consolida a importância de uma perspetiva demográfica nos estudos sobre a mobilidade internacional.

A terminar, Ana Paula Beja Horta reflete sobre a evolução dos fluxos migratórios, e-/i-migratórios, e as diferentes conceções políticas e práticas de integração: migrações e o acesso à nacionalidade, “Política de *Laissez-Faire*”, o discurso público de integração e a institucionalização da imigração; e o projeto político da interculturalidade. Quem se interessa por uma análise dos discursos institucionais e da evolução

das políticas de integração, encontrará, neste texto, a possibilidade de um registo orientador.

No cômputo geral, de referir apenas uma pequena lacuna. A ausência de um capítulo final, interlocutor entre as duas partes, “Migrações na Europa” e “Migrações em Portugal”. Compreende-se, no entanto, a opção dos organizadores de não apresentar o livro como uma obra fechada, vinculada a uma única posição heurística, o que certamente não espelhará o pensamento firmado por Maria Ioannis Baganha.

Mais do que uma possível síntese do que, nos últimos quinze anos, se tem consolidado como objeto de análise nos estudos migratórios, em Portugal e em alguns países europeus, este livro de ensaios convida a refletir sobre direções futuras, sobre o trilho de caminhos prováveis; no fundo, convoca-nos para o que poderá ser um dos maiores contributos de Maria Ioannis Baganha para as gerações futuras dos estudos migratórios – a contínua e incessante problematização crítica.

Joana Sousa Ribeiro

Vieira da Cunha, Neiva; Feltran, Gabriel de Santis (orgs.) (2013), *Sobre periferia. Novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 224 pp.

Favela, periferia, margem são, por vezes, sinónimos intercambiáveis da histórica precariedade urbana brasileira. Mas são também nomes defendidos, definidos. O termo favela existe há mais de um século no plano social e na geografia urbana e há mais de duas décadas no domínio da reflexão académica. Continua saindo da sombra.

Sobre periferia. Novos conflitos no Brasil contemporâneo busca desvelar, tal como uma boa camada de obras e de artigos, um dos temas mais promissores de certo estilo de antropologia urbana que vem sendo realizada no Brasil. Não tendo sido o primeiro e nem sendo com certeza o último, o livro reúne nomes que vêm marcando passo nos debates sobre margens urbanas. Após a sua leitura a proposta fica clara: caminhar da reflexão sobre fronteiras sociogeográficas – das *periferias* – em direção a uma proposta de “cartografia de perspetivas analíticas” – de *margens*. A obra é composta por três partes diferentes: i) drogas, crime, violência e política; ii) expressividade, religiosidade e gestão

social; iii) Estado, território, moradia e ação social.

A discussão inicia-se com as *fronteiras* dos espaços urbanos do *crack*, pela mão de Taniele Rui. A autora convence-nos de que diferentes lugares não são meros invólucros e cenários do consumo; diferentes territórios criam parâmetros de interação e novas relações. Três territorialidades distintas no uso do *crack*, em cidades do estado de São Paulo, apontam contrastes nas tensões que conjugam pessoas, socialidade e cidade, tensões com agentes que ora acolhem, ora punem esses “corpos abjetos”. O espaço do consumo *faz diferença*, diz Rui. Passamos em seguida à leitura possível do *limite* (ou “tensão liminar”) com uma circulação intermitente de pessoas dentro e fora de albergues na cidade de São Paulo. Aqui, a aparente ‘desespecificidade’ do público é, paradoxalmente, a especificidade do albergue. Daniel De Lucca Costa sintetiza: esta é uma instituição tão hostil quanto hospitaleira; ela acolhe enquanto expulsa. Diogo Lyra explora o tema da *punição* entre jovens traficantes,